GeoNordeste

https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste
ISSN: 2318-2695

Recebido em 24 de agosto de 2023
Aprovado em 16 de julho de 2025

EXPECTATIVAS, DESENCANTO E TEMOR NOS RELATOS DE MORADORES IMPACTADOS PELA IMPLANTAÇÃO DE UMA MINERADORA DE COBRE EM CRAÍBAS-ALAGOAS

EXPECTATIONS, DISENCHANTMENT AND FEAR IN THE REPORTS OF RESIDENTS IMPACTED BY THE IMPLEMENTATION OF A COPPER MINING COMPANY IN CRAÍBAS-ALAGOAS

EXPECTATIVAS, DESENCANTO Y MIEDO EN LOS REPORTES DE RESIDENTES IMPACTADOS POR LA IMPLEMENTACIÓN DE UNA MINERA DEL COBRE EN CRAÍBAS-ALAGOAS

DOI 10.33360/geonordeste.v36i.19558

Elza Barboza de Jesus Alves
Mestra em Planejamento Urbano e Regional.
Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional da UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba
elzabarbozajesus@gmail.com

Maria Aparecida Papali
Doutora em História Social. Colaboradora do Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional da UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba
papali@univap.br

Fabiana Felix do Amaral e Silva
Doutora em Ciências da Comunicação
Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA- Universidade Federal da Integração Latino-americana
fabiana.amaral@gmail.com

RESUMO
A população do munícipio de Craíbas em Alagoas tem a economia voltada para o plantio de fumo, entretanto, transformações no âmbito do trabalho e da vida tem acontecido nos últimos anos, sobretudo após a implantação de uma mineradora de cobre em seu território. Percepções como esperança e expectativa, frustação e indignação, tem rondado o cotidiano das pessoas, alguns mais vulneráveis como os que vivem no acampamento MST e outras, mais articuladas, como por exemplo lideranças locais, que a seu modo buscam resistir e manter o espaço de pertencimento. Nessa disputa de poder, onde a população percebe que lhe restará ao final do período de exploração, mormente os efeitos nefastos desta atividade, percebe-se a importância de discutir a distribuição de poder sobre o uso da terra e os diferentes entendimentos sobre desenvolvimento local. Neste sentido, o presente trabalho buscou escutar as pessoas atingidas por um megaempreendimento minerário implantado no nordeste brasileiro. Apreendeu-se a oscilação entre sentimentos de esperança e de insegurança, diante de uma condição em que o local tende a apresentar pouco poder de resistência frente aos anseios do sistema capitalista.
Palavras-chave: Mineração, História oral, Justiça Social.

ABSTRACT
The population of the municipality of Craíbas - Al has an economy focused on tobacco planting, however, changes in the scope of work and life have taken place in recent years, especially after the implementation of a copper mining company in its territory. Perceptions such as hope and expectation, frustration and indignation, have been surrounding people's daily lives, some more vulnerable like those who live in the MST camp and others, more articulated, such as local leaders, who in their own way seek to resist and

maintain the space of belonging. n this power struggle, where the population realizes that they will be left with at the end of the exploitation period, especially the harmful effects of this activity, the importance of discussing the distribution of power over land use and the different understandings about local development is clear. In this sense, this work sought to listen to people affected by a mining mega-project implemented in northeastern Brazil. The oscillation between feelings of hope and insecurity was understood, given a condition in which the place tends to present little power of resistance in the face of the desires of the capitalist system.
Keywords: Mining, Oral history, Social Justice.

RESUMEN
La población del municipio de Craíbas - Al tiene una economía enfocada a la siembra de tabaco, sin embargo, en los últimos años se han presentado cambios en el ámbito laboral y de vida, especialmente luego de la implementación de una empresa minera de cobre en su territorio. Percepciones como esperanza y expectativa, frustración e indignación, han ido rodeando la vida cotidiana de las personas, algunas más vulnerables como quienes viven en el campamento del MST y otras, más articuladas, como los líderes locales, que a su manera buscan resistir y mantener. El espacio de pertenencia. En esta lucha de poder donde la población se da cuenta que al finalizar el período de exploración del suelo los efectos nocivos de esta actividad caerán, cae claramente en la importancia de discutir el tema de la justicia ambiental y la distribución desigual del poder sobre el uso de la tierra. En este sentido, este trabajo busca escuchar a las personas afectadas por un megaproyecto minero implementado en el Nordeste brasileño. La oscilación entre esperanza e inseguridad se percibió bajo una condición en la que el lugar tiende a tener poco poder de resistencia a los deseos del sistema capitalista.
Palabras clave: Minería, Historia oral, Justicia Social.

INTRODUÇÃO

O Brasil, muito embora tenha vivenciado um período de industrialização relâmpago na segunda metade da década de 1950, em que se pretendeu um desenvolvimento recorde de 50 anos em apenas 5 (Silva, 2002), continua sendo um país que traz em boa parte de sua história, a imagem de produtor de alimentos e de fornecedor de matérias primas para o restante do mundo.

Se esta condição acarreta, na atualidade, mais benefícios para a sua população ou, ao contrário, impede o pleno desenvolvimento da sociedade de forma mais justa, ou ainda, se na existência de tal situação, o antagonismo é de fato imprescindível, são questões que suscitam debates.

A invasão do Brasil visou extrair riquezas por meio da despossessão e extermínio da população local. Durante a colonização, o país impulsionava o desenvolvimento externo. Anos após a independência, pressões neoliberais levaram à reprimarização e à manutenção de relações econômicas semelhantes às da era colonial.

Com o avanço do mercado mundial, a exploração internacional depende cada vez menos da violência política e militar, baseando-se em relações econômicas que mantêm o atraso das nações mais fracas. Como nas economias industriais, a força cede lugar a mecanismos econômicos que perpetuam a subordinação ao capital. (Marini, 1973, p.9)

Existem, portanto, mecanismos que forçam uma dinâmica global, onde alguns lugares estarão no centro do mundo concentrando riquezas, informação e tecnologias, enquanto outros permanecerão na periferia. Estes últimos terão seus territórios explorados, destruídos e não

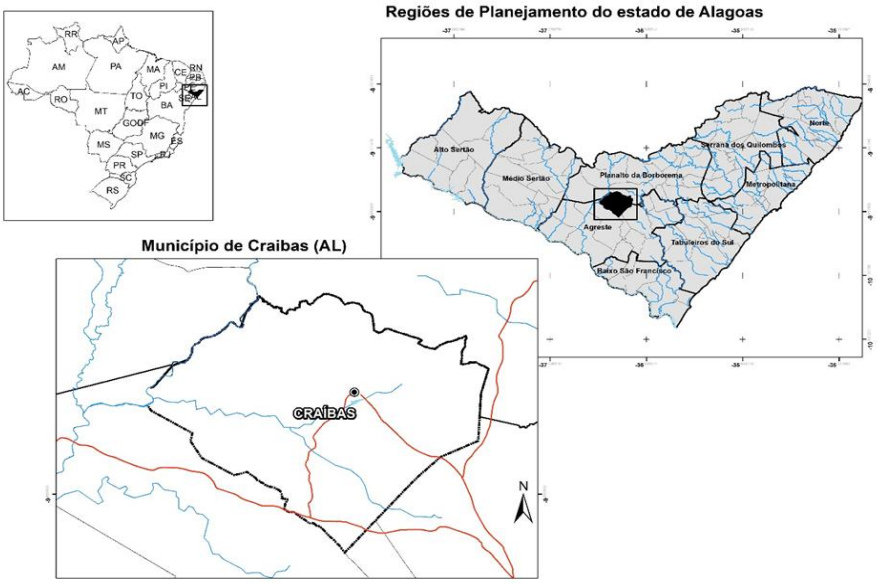
acumularão riquezas. Nesses espaços as guerras e outras desestabilizações serão incitadas a fim de garantir condições que favoreçam a quem está no centro do poder.

Entre centro e periferia global existe, de acordo com Arrighi (1998), a semiperiferia. Quem se encontra nessa condição pode desenvolver alguns processos mais complexos, como por exemplo algum grau de industrialização, mas também se mantém na divisão internacional do trabalho como um fornecedor de bens primários.

De maneira significativa, o hemisfério sul contribuiu para a industrialização do hemisfério norte ao suprir suas necessidades básicas de subsistência, por meio da produção de alimentos, além de atuar como mercado consumidor para os produtos manufaturados. Esse processo consolidou-se de forma duradoura quando o próprio hemisfério sul passou a incorporar o consumo de bens industriais, provenientes do hemisfério norte em sua rotina econômica.

Alagoas tem 80% do território dividido em nove Regiões Metropolitanas. O estado possui variados recursos minerais de valor econômico, como ferro, cobre, ouro, sal-gema, água mineral e pedras ornamentais, atraindo investimentos nacionais e internacionais. Craíbas é uma importante fonte de cobre para os mercados interno e externo.

Figura 1- Mapas da localização do município de Craíbas



Elaboração: Prof.ª Drª Sandra Mª F da Costa

Na Região Metropolitana do Agreste (RMA) o município de Arapiraca, segunda maior cidade do estado de Alagoas, muito embora não seja uma metrópole, representa o polo de influência do munícipio de Craíbas, que possui, de acordo com IBGE, 25 mil habitantes e sua economia está voltada para o plantio de fumo, milho, feijão e algodão.

O nordeste brasileiro possui grande riqueza mineral, o que atraiu pesquisas desde a década de 1980 por empresas nacionais e internacionais. A Companhia Vale do Rio Doce identificou jazidas de cobre em Craíbas, e após processos legais, a Mineradora Vale Verde, atualmente

controlada pela Appian Capital Advisory (Inglaterra), opera o Projeto Serrote da Laje no município, modificando a região[1].

Autoridades de diferentes esferas destacaram seu apoio à instalação da Mineradora Vale Verde em Craíbas, investimento de quase R$ 1 bilhão que conta com incentivos em infraestrutura e deve gerar 1.200 empregos diretos na implantação, conforme anunciado no site do governo estadual durante a inauguração, onde o governador Renan Calheiros Filho se pronunciou.

> Esse é um empreendimento muito propagado no passado e que não havia se concretizado. Ele se concretizou agora e nós temos uma grande expectativa de que esse empreendimento seja capaz de alavancar a geração de emprego aqui em Craíbas e o desenvolvimento da região, trazendo novos negócios para Alagoas. A produção de cobre aqui sem dúvidas será importante para o estado do ponto de vista tributário, de arrecadação de royalties e do desenvolvimento do interior de Alagoas. (VIANA, PIMENTEL Portal do Governo de Alagoas, documento online não paginado, 2019)[2]

A compensação financeira pela exploração de recursos minerais (CEFEM), prevista no Art. 20 da Constituição Federal, determina que os recursos minerais pertencem à União. O valor devido pelas empresas de mineração aos entes federativos é calculado conforme o mineral extraído e as alíquotas estabelecidas pela Agência Nacional de Mineração (ANM). (Jusbrasil, 2025)

A reorganização do espaço para acomodar as exigências de empresas, principalmente as de grande porte, geralmente, mobiliza a atenção de governantes das várias esferas. As empresas, a partir dos ramos de atividade a que se destinam, para se instalarem num determinado lugar, além da mão de obra, necessitam de recursos para a produção, circulação, distribuição e consumo dos seus produtos.

As principais estradas e rodovias na região de Arapiraca e Craíbas foram recuperadas pelo governo estadual. Enquanto isso, no município craibense, houve mudanças no trajeto de algumas estradas municipais, com fechamento e abertura de vias para satisfazer a necessidade de mobilidade dos caminhões e de outros veículos da mineradora, acarretando aumento da distância a ser percorrida entre os bairros e o centro da cidade, além de maior exposição a assaltos para a população em geral.

[1] PREFEITURA MUNICIPAL DE CRAÍBAS. Bem-vindos à Craíbas-AL. Disponível em: https://www.craibas.al.gov.br. Acesso em: 18 nov. 2019.

[2] AGÊNCIA ALAGOAS. Governo garante suporte a instalação da Mineradora Vale Verde em Craíbas. Disponível em http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/30321 governo-garante-suporte-a-instalacao-da-mineradora-vale-verde-em-craibas. Acesso em 18 jun.2019

Figura 2 - Pilha de rejeito estéril localizada na planta da Mina do Projeto Serrote da Lage

Fonte: Arquivo próprio. 2020

Na figura 2 observa-se a pilha de rejeito estéril da mina de cobre em Craíbas. Existe uma caminhonete na base direita da pilha que orienta as suas proporções. É muito alta e extensa, portanto, chama a atenção, além de estar muito próxima da principal via pública que dá acesso ao perímetro urbano da cidade. Essa alteração na paisagem do município é comentada pelos entrevistados como algo que simboliza prepotência.

> Depois que começou a subir esses morros aí, que parece que eles vão chegar até o céu, eles que querem ser donos do mundo. (Entrevistado 1)

Além da modificação na paisagem, o rejeito de cobre, proveniente do processamento do minério, pode apresentar riscos à saúde e ao meio ambiente. Esses riscos incluem contaminação da água e do solo por metais pesados, transferência de metais à cadeia alimentar, além de potenciais danos ao ecossistema local. A contaminação pelo cobre pode causar problemas de pele, respiratórios, pulmonares como a silicose, sistema nervos, hepático, gastrointestinais e em alguns casos a morte. De acordo com Cacciuttolo (2024),

> Nos países com maior produção de cobre, Chile e Peru, pesquisas mostraram que a contaminação por rejeitos de mineração é significativa para a saúde e o meio ambiente das comunidades vizinhas, devido à falta de gestão adequada dos rejeitos e fechamentos de minas. Esses riscos estão associados a fatores ambientais, como temperatura, vento e precipitação, e seus efeitos na dispersão de contaminantes, especialmente de rejeitos de mineração de cobre. (Cacciuttolo, et.al, 2024,bn.p.)

A população craibense também manifestou sua expectativa sobre as atividades da empresa de mineração e, com efeito pressupôs que haveria interferência na organização da sociedade. Este artigo é fruto da dissertação de mestrado "A (Re)Produção do Espaço Local Frente a Implantação de uma Mineradora no Agreste: O Caso de Craíbas – AL"[3] e discute a percepção dos moradores do município de Craíbas sobre estas possíveis alterações. Foram utilizados registros fotográficos, elaboração de diário de campo, observação e depoimentos, ou seja, histórias contadas por aqueles

[3] **Excluído Autor e instituição devido a revisão por pares**. (2022) Dissertação (Planejamento Urbano e Regional).

que participam do fenômeno que se pretendeu estudar e, ainda, documentos públicos e discursos disponíveis em plataformas midiáticas e impressas.

A metodologia utilizada foi a história oral com foco nos preceitos desenvolvidos principalmente pelo historiador Alessandro Portelli (2018). Para elaborar a amostragem utilizou-se a técnica conhecida como "Snowball". De acordo com Ochoa (2015) "trata-se de uma amostragem não probabilística, onde os indivíduos selecionados para serem participantes convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos".

A escolha da técnica Snowball sampling foi muito acertada, pois possibilitou o acesso a pessoas que, de outra forma, dificilmente teriam sua existência identificada e suas histórias puderam trazer luz à aspectos cuja compreensão não seria possível de outra maneira. A confiança, muitas vezes demonstrada já no primeiro encontro, sem dúvida se devia ao crédito que um narrador dava ao outro que o indicou e, desta forma, sempre houve muita disponibilidade para participar do projeto.

A História Oral é uma metodologia fundamentada nos conceitos de Memória, Oralidade e Narrativa, de tal modo, a subjetividade do entrevistador e do entrevistado formam um aspecto importante a ser considerado, por se tratar de estudo das representações. Ferreira (2002, p.321) ressalta que "[...] a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral" e Portelli (1997, p.37) declara que "junto à primeira pessoa do entrevistado se situa a primeira pessoa do historiador, sem o qual não haveria entrevista".

De acordo com Portelli (2018, [n.p.]) a história oral produz um "Documento de hoje sobre qual sentido tem o passado". Esta produção provavelmente terá um sentido diferente ao longo do tempo, pois o contexto histórico será diferente também. Note-se que a história é diacrônica, porém a memória e sincrônica.

A memória é um processo dinâmico que, muito embora, requisite processos biológicos, é também um processo socialmente construído. Portelli (1997. p.33) nos diz que "[...] o realmente importante, não é ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo de criação de significações".

De acordo com Portelli (2018), uma entrevista nunca é uma situação natural, pois, requer falar para uma pessoa, possivelmente de outro grupo social e com uma cultura diferente, sobre eventos distintos e particularidades do cotidiano, que não lhe causam estranheza, mas, são desconhecidos para o entrevistador.

Entre os entrevistados foram elencados 16 tipos de atividades de trabalho, distribuídos entre 2 funcionários públicos municipais (ACS e Técnico em Administração hospitalar) 10 agricultores e destes, 2 também criavam gado bovino de leite, 5 comerciantes, porém 1 deles desempenhava a

função de gerente e não era o proprietário do estabelecimento, 2 mulheres que exerciam atividades não remuneradas exclusivamente em suas casas, 2 feirantes que comercializavam os produtos das suas roças, 2 mulheres que geravam renda a partir do trabalho de destalar (retirar o talo central da folha do fumo) nas roças da família, 1 trabalhadora da empresa de mineração, 1 palhaço e uma pessoa encontrava-se desempregada, mas exercendo atividade autônoma em outra área. Deste universo de trabalhadores, 4 estavam exercendo trabalho formal com registro e 21 trabalhando como autônomos.

As mulheres entrevistadas trabalhavam em roças administradas prioritariamente por seus companheiros e todas elas eram responsáveis pelas tarefas domésticas das suas casas, situação não vivenciada pelos agricultores. Observe-se ainda que os prefeitos, atual e o anterior à pesquisa, assim como os vereadores atuais participaram desta pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, etnográfica e qualitativa, sendo esta última, de acordo com Flick (2009, p.20) "de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida".

A análise de dados na pesquisa etnográfica, de acordo, com Atkinson e Hammersley (1998, p.110-111) citados por Flick (2009, p. 214) "envolve a interpretação explícita dos significados e das funções das ações humanas", já Peirano (2008, p.7) manifesta que "muitos são os significados embutidos numa conversa".

O intuito da análise não é confirmar a veracidade do conteúdo da entrevista, pois, sem dúvida, a explanação do entrevistado traduz a verdade em que ele acredita naquele dado momento. E esta é a afirmação que importa. Entretanto, de que forma esta história é contada, as representações e os significados implícitos neste contar, as pausas, velocidade do discurso, o tom e suas alterações, enfim, a análise da oralidade no discurso corrobora para a compreensão do que realmente se pretendeu dizer.

Na primeira parte deste artigo será apresentado os aspectos relacionados a construção da esperança de uma vida com qualidade. Na segunda parte apresenta-se a frustração atual em relação a chegada da empresa de mineração e a construção da sua planta. Em seguida descreve-se o temor diante do que se pensa que está por vir após o início das atividades da mineradora e ainda em continuidade são apresentadas algumas considerações finais.

POR QUE HAVIA ESPERANÇA?

Os discursos dos narradores entrevistados nesta pesquisa apontaram para a necessidade de mudança de atividade porque o trabalho rural é muito desgastante fisicamente, pouco reconhecido e valorizado financeira e socialmente, por isso os pais incentivam seus filhos a estudarem e não se fixar no campo. Curiosamente não se aponta a qualificação do trabalho a partir do estudo formal

com fim para desenvolver uma agricultura mais sofisticada tecnicamente. Esta atitude já existia antes da chegada da empresa de mineração.

É recorrente nas narrativas colhidas nesta pesquisa, a descrição da atividade agrícola com uso de técnicas rudimentares, fato apontado por pessoas que estão à frente da gestão municipal e pelos trabalhadores. A seguir alguns trechos que evidenciam tal situação.

> Tudo o que nós produzimos hoje, nós temos um consumidor que é Arapiraca. O nosso problema maior é a qualificação do nosso povo. Nós estamos plantando milho como os índios plantavam milho. (Vereador 4)

Figura 3 - Plantação e varal de fumo

Fonte: Arquivo próprio, 2020

O trabalho significa uma atividade naturalmente desempenhada desde muito cedo, aprendido com os pais que contavam com a participação dos filhos como condição *sine qua non* para a sobrevivência da família. Esta lembrança pareceu estar envolta em orgulho e tristeza.

> [...] os meninos tinham que trabalhar, tinham que ajudar os pais, os pais precisavam da gente. (Entrevistado 2)

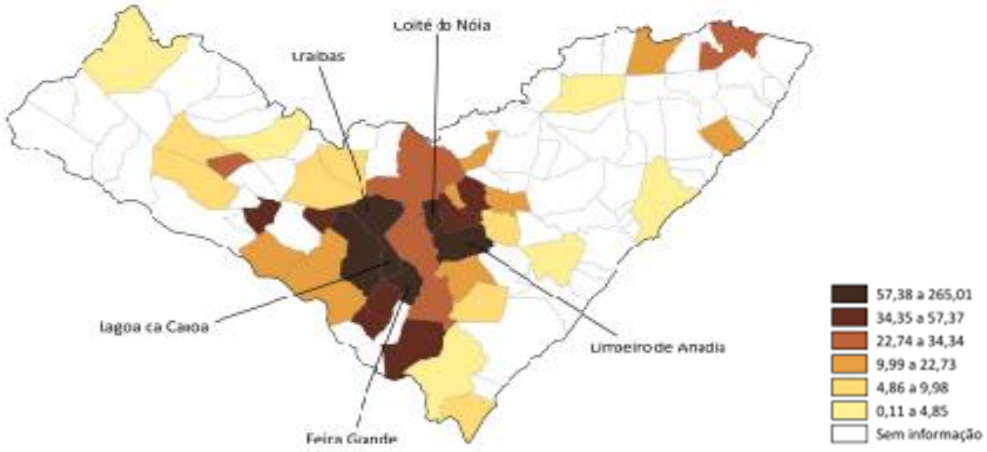
A percepção acerca do trabalho desenvolvido na agricultura no município de Craíbas é de que se trata de uma atividade difícil do ponto de vista de esforço físico, incessante durante um determinado período do ano, pois a sazonalidade é um fator determinante, com alta exposição à produtos tóxicos, pouca valorização social e baixo retorno econômico.

Os estabelecimentos agrícolas do município utilizam agrotóxicos de forma acentuada. Os narradores apontam que o uso de agrotóxicos está relacionando ao plantio de fumo. Esta situação é ainda mais grave na região devido a não utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) durante o manejo dos produtos.

> Mas aí eu não conheço ninguém que tem (EPI), a gente vê todo mundo com problema, na realidade a gente sabe que existe e, na questão do veneno... porque o veneno é na hora que o fumo tá na terra, o veneno na terra, é veneno na folha, é veneno prá lagarta, é veneno prá tudo isso, então ao longo prazo, a gente sabe que não tem prá onde correr. (Entrevistado 3)

O risco de adoecimento não se faz apenas de forma involuntária, no caso de agrotóxicos existe outro agravante. É de conhecimento amplo que os casos de intoxicação, assim como os de envenenamento autoprovocados são subnotificados em todas as regiões do país. Ainda assim, o Atlas de Agrotóxicos aponta para dados alarmantes. Na figura a seguir observa-se a situação em Alagoas entre 2007 e 2014

Figura 4 - Intoxicação por agrotóxico agrícola (casos em relação a população do município – 1/100.000)



Fonte: Bombardini (2017, p 161).

É notável a mudança intergeracional em relação ao trabalho no campo. Tanto os mais velhos incentivam, quanto os mais jovens apoiam o desenvolvimento de outras formas de atividades laborais e o próximo depoimento torna claro este pensamento.

> A minha mãe, por exemplo, ainda é agricultora, mas meus irmãos não são mais e eu também não sou mais agricultor, graças a Deus. (Entrevistado 2)

O município de Craíbas continuou plantando fumo, mesmo quando cidades vizinhas como Arapiraca deixaram de lado essa atividade. Arapiraca, antes conhecida como "A Terra do Fumo", passou a focar no setor de serviços, devido à concorrência de produtos de melhor qualidade e aos movimentos de controle do uso do tabaco, como a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da OMS em 1999.

Os agricultores sem receber estímulos e incentivos financeiros do Estado para realizar a troca de produto e, sem poder contar com sistema de cooperativas locais, trabalhando em pequenas extensões de terra e com dificuldade hídrica e mão de obra insuficiente, mantiveram suas produções a fim de obter recursos para sua sobrevivência e de sua família. É sobre esta situação que narram as próximas falas:

> O Fumo é pra ter os trocadinhos entre as safras. (Entrevistado 4)
> Às vezes a gente leva uma ou duas (bolas) pra vender na feira [...] ou espera o preço ficar bom, mas geralmente a pessoa vende porque sempre precisa. (Entrevistado 3)
> Aqui o carro chefe da nossa região de Craíbas é o fumo. (Entrevistado 5)

Se existe alta produção numa safra, a próxima tende a render menos porque mais produtores se interessam em produzir mais. Essa lógica de alternância entre a baixa e alta de produção, além da questão hídrica, faz com que haja oscilação de preço e por vezes, perda da qualidade.

Por outro lado, na plantação de milho não há perda, uma vez que o grão pouco desenvolvido pode ser aproveitado para a fabricação de ração animal. O trabalho é menos desgastante, podendo-se usar maquinário e sofrer menos estresse hídrico. Ao se deslocar pelo município de Craíbas, já é possível perceber áreas mais extensas dedicadas à plantação de milho, inclusive de natureza transgênica. Sobre este fato os participantes da pesquisa contam que,

> o fumo dá muita despesa e o milho não é esta despesa toda porque é trabalhado com máquina e, o fumo, a mão de obra dá despesa. Aí o pessoal mudou. Mudou até porque o pessoal não quer trabalhar de roça, só quer emprego, emprego, emprego... Aí teve essa mudança porque também faltou mão de obra. Serviço de fumo é muito pesado. Pesadíssimo. (Entrevistado 6)

No sentido destacado anteriormente, ressalta-se que, para praticamente todos os entrevistados, o termo "trabalho" está ligado à roça e, é muitas vezes utilizado com uma diferença significativa entre o termo "emprego", significando o primeiro termo, algo sofrido, pouco rentável e reconhecido, ao contrário do segundo termo que representa uma atividade mais amena, valorizada e que para o seu desenvolvimento exige-se mais educação formal, ou seja, mais estudo. Este pensamento é central quando a conversa avança sobre o tema das transformações na forma de viver. A seguir, um entrevistado tenta explicar.

> A população também hoje, não só da mineradora, também compra casa (em zona urbana) e não tão querendo trabalhar na roça que nem antes, já vão procurar um emprego, quer ter internet em casa. (Entrevistado 7)

As histórias contadas pelos entrevistados nos conduziu a entender que a percepção sobre o espaço onde eles vivem, aproxima-se do conceito de território vivido, descrito por Milton Santos : " é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e imateriais e da vida, sobre os quais ele influi. (Santos, 2002, p.96)

É possível perceber ainda, um outro pensamento cuja importância é elevada entre os entrevistados. A necessidade de mudança na atividade laboral e econômica é associada ao estudo, seja este, acadêmico ou profissionalizante.

Para os moradores entrevistados de Craíbas, uma maior escolaridade significa possibilidade de mudança, possibilita ter uma vida melhor. Uma vida melhor está associada a poder desempenhar uma função menos desgastante que a agricultura. Ademais, ressalta-se que as pessoas que vivem na zona urbana, citam o estudo como uma chance de alcançar qualidade de vida. O Entrevistado 3 nos ajuda a compreender essa motivação.

> Não quero que eles (filhos) fiquem no sol, se exponham a veneno, agrotóxico, a gente sabe que não é sadio, a gente faz porque a gente precisa, mas se tiver uma oportunidade, precisa agarrar a oportunidade. (Entrevistado 3)

As narrativas a seguir demonstram que os entrevistados foram incentivados a entender os estudos como possibilidade de vida melhor, mas condicionam este viver melhor a trabalhar em outra área que não a agricultura.

> Acho que todo pai tem aquela mentalidade... eu ouvi isso da minha mãe e sei que outras pessoas também ouviram, ouvi de outras pessoas também aquele incentivo para estudar: Estude meu filho, a roça não dá nada a ninguém. (Entrevistado 2)
> Eu penso em fazer dela (filha) uma pessoa bem competente, estudar muito pra ela ter um bom trabalho. (Entrevistado 8)

O conhecimento das necessidades e desejos da população local orientou e empoderou o discurso dos governantes e empresários que não hesitaram em apresentar a implantação da mineradora como única saída possível para a crise no trabalho e na forma de viver. A prática do discurso único e determinista é estratégico e certamente pode fazer crer que não seja possível quaisquer questionamentos, levando os sujeitos à apatia e à desesperança. Neste sentido, Milton Santos diz que é

> muito difundida a ideia segundo a qual o processo e a forma atuais da globalização seriam irreversíveis. Isso também tem a ver com a força com a qual o fenômeno se revela e instala em todos os lugares e em todas as esferas da vida, levando a pensar que não há alternativas para o presente estado de coisas. (Santos, 2005, p. 160)

A certa altura do debate sobre a implantação da mina no Serrote da Lage, as pessoas acreditaram que o projeto poderia solucionar os problemas reais das comunidades, ou seja, o acesso ao estudo e a bens de consumo, emprego mais valorizado e fora do campo, menos exposição a agrotóxicos e mais tecnologia para tornar o trabalho menos insalubre e extenuante. Acreditaram ainda, no desenvolvimento econômico da região. Mas não foi isso o que aconteceu.

POR QUE EXISTE FRUSTAÇÃO?

O convívio com a mineradora, apesar desta se dizer “boa vizinha”, atrapalha a mobilidade, causa poluição sonora, visual, aérea, danifica casas e estradas, aumenta o risco de adoecimento, muda os trajetos de circulação de pessoas e veículos. Nem o ministério público, prefeitos, vereadores, governadores parecem escutar as angústias dos moradores.

Uma das primeiras empresas a identificar jazidas de cobre em Craíbas foi a então estatal Companhia Vale do Rio Doce que, de acordo com Renan Calheiros, herdou alguns destes estudos, que mostraram a ocorrência de 344 jazidas em 14 municípios do Agreste e do Sertão do estado. Estes projetos foram, então, reavaliados e adquiridos pela Mineração Vale Verde (MVV), que na época pertencia a Mineradora Canadense Aura Minerals. (Entrevista a Viana e Pimentel, 2019)

Após as tramitações legais e comerciais, a financeira inglesa Appian Capital Advisory LLT adquiriu a MVV. Com a conclusão da abertura da mina e da construção da planta de beneficiamento

de cobre, ocorreu a inauguração em junho de 2021 do Projeto Serrote da Laje, nomeado assim devido às placas de pedra que existiam em um local de pequena serra a aproximadamente 3 km do centro da cidade de Craíbas.

Considerado pelo senador Renan Calheiros como "o maior projeto de investimento privado do estado, além de constituir uma das mais importantes parcerias público-privadas da região" (entrevista à Viana e Pimentel, 2019), contou com o apoio do poder público desde o início do projeto para promover a estrutura necessária para a sua instalação.

E realmente diante das necessidades que foram se apresentando ao projeto, foi-se criando uma estrutura complexa. No caso da energia elétrica, a construção de uma nova subestação com vida útil de 30 anos seria construída, conforme explicou o Senador Renan Filho em sua *homepage* em 16/05/2019,

> Com a subestação de energia, a Companhia Energética de Alagoas vai se tornar parceira do empreendimento, como consumidor cativo, com uma carga de 230 Quilovolts, da CHESF[4] (Renan Calheiros, 2019)

Passados dois anos a questão da energia elétrica é motivo de preocupação por parte dos vereadores do município de Craíbas, como descreve o vereador 1.

> A rede elétrica nossa é privatizada, mas diminuiu o consumo, porque você sabe que a cobrança das tarifas que envolvem uma empresa privada é absurda, então ela impacta demais na nossa renda mensal. Não tem como uma família que sobrevive com um salário-mínimo pagar quase cem reais de iluminação. (Vereador 1 – 2021)

Muito embora tenha sido construída uma nova adutora para abastecer a empresa mineradora com água bruta, a população ainda sofre com a escassez de água. Também com relação a deficiência no abastecimento de água realizado pela Companhia de Saneamento de Alagoas (CASAL), existe preocupação por parte dos vereadores à época desta pesquisa, como demonstrado a seguir.

> É isso que a gente vem trabalhando, cobrando nosso prefeito e nossos deputados para que a gente possa levar essa rede de água até as comunidades, até a casa dos cidadãos. (Vereador 4 – 2021)

Além da adutora que serve a MVV, também foram pensados outros possíveis prejuízos que ocorrem por conta do aumento de circulação de pessoas no município, como explica a seguir o gestor municipal do período 2016-2020.

> Eu como prefeito sempre tive muita preocupação porque de onde vem o bônus também vem o ônus. Quando chega um empreendimento deste tamanho, isso porque vem muita gente de fora, isto já está comprovado em outros estados e aumenta consideravelmente o número de pessoas, com isso tem que se investir mais na saúde, na educação, na segurança. (ex. gestor municipal - 2016/2020)

A questão da segurança também foi avaliada previamente,

[4] Companhia Hidroelétrica do São Francisco - que é subsidiária da Eletrobras e tem como atividade principal a geração, a transmissão e a comercialização de energia elétrica.

> E com isto também, a preocupação junto ao governo do estado de melhorar a segurança de Craíbas e graças a Deus e ao governo do estado, nós conseguimos um Centro Integrado de Segurança Pública que é O CISP, que foi inaugurado, salvo engano, no início de maio, mas deixamos pronto no início de fevereiro numa parceria entre governo do estado com governo municipal. (ex. gestor municipal, 2021)

A infraestrutura não se encerra em aspectos físicos apenas, outras exigências e acordos precisaram ser discutidos. As narrativas a seguir, exemplificam uma destas tantas situações que foram apresentadas.

> O nosso gestor anterior baixou a alíquota de 5 para 3% (ISS). Abriu mão de 2%. Quer dizer 2% de 200 milhões são 40 milhões de toneladas da nossa riqueza com a obrigatoriedade de gerar empregos e renda para o próspero município. A isenção foi somente para a mineradora, hoje a família deste comerciante[5] emprega mais que a própria mineradora (Vereador 6)
> Você sabe quem veio em praça pública, no palanque, para fazer com que essa casa fizesse essa votação? Sua excelência, o governador Renan Filho. Não existe pressão? (Vereador 4)
> E foi com a câmara municipal que fiz o projeto e foi aprovado e sancionado por mim, na época então era o prefeito e, foi muito importante naquele momento e, continua sendo, para que o projeto da mineradora seguisse em frente (Gestor municipal no período 2016-2020)

Nos depoimentos, tornou-se evidente que a percepção sobre a saúde é de que houve prejuízo. Os entrevistados relatam sintomas que não se manifestavam, ou não eram frequentes antes da exposição ao alto e contínuo som dos equipamentos e maquinários utilizados na exploração de cobre a céu aberto, bem como aos estrondos por causa das detonações.

De acordo com o engenheiro Paulo Dias (2023, n.p.) essas atividades, como desmonte de rochas, transporte, uso de máquinas pesadas e processamento, podem liberar poluentes no ar, causar problemas respiratórios e cardiovasculares nas comunidades próximas e contribuir para a contaminação dos ecossistemas e dos recursos hídricos. As queixas mais comuns entre os entrevistados foram, processos alérgicos, tosse, ardência nos olhos, "nervosismo", estresse e insônia. Alguns desses aspectos estão descritos abaixo.

> A noite todinha eles trabalhando, ninguém consegue dormir." (Entrevistado 1)
> Ônibus, caminhão, carreta, trator. A estrada é só deles. Quando acabar... A chuva. É todo mundo gripado por causa da poeira." (Entrevistado 15)
> [...] mas, quando chegou aí ó (aponta para a pilha de rejeito estéril próximo à sua residência), que não tem nem 3 km, ela começou a estourar bomba. Bomba que quando estoura, as portas batem uma com a outra e eu digo: Eita que vai cair! Como é que a gente vai ter tranquilidade?" (Entrevistado 17)
> Eles vieram fazer sabe o que? Vieram destruir a nossa vida! Eu que não vou viver o final da minha vida me acabando aqui no barulho, na zuada, noite que durmo, noite que não durmo, tomando remédio. Antes não tomava, agora entrei pra tomar remédio de depressão que tava com perca de sono (Entrevistado 16)

A principal propaganda veiculada pelas gestões local e estadual, assim como pela empresa MVV, se refere a criação de postos de trabalho. Neste sentido, Silva (2014, p. 2) relata que "para aqueles que estão no poder, é decisivo controlar ou manipular, em primeiro lugar, o discurso". Este discurso veio ao encontro das necessidades e anseios referidos pelos munícipes, porém a percepção

[5] por decisão da autora este nome foi suprimido para preservar a identidade

é de que a implantação da empresa não trouxe empregos, nem movimentação do comércio local e privilegiou mão de obra de outras cidades e outros estados, devido à falta de competência técnica da população local. Os informantes e um representante da gestão pública atual narram sobre isso a seguir,

> A Mineradora empregou muito pouca gente da cidade da gente. (Entrevistado 6)
> A gente imaginava que a questão do emprego fosse voltada para a população do município e o que se viu aqui foi muita gente de fora, de outras cidades, nada contra quem vem de fora, pelo contrário, é muito importante para o município, mas o status mesmo de emprego, ele foi dado à muita gente de fora. Talvez, na verdade, por competência de cada um. (Entrevistado 9)
> No auge da implantação da estrutura, segundo informação da Vale (MVV) que passaram para nós em reunião, a Vale empregou 2020 pessoas direta e indiretamente, só que segundo a própria Vale, destes 2020 funcionários, menos de 600 funcionários são de Craíbas e, a gente já procurou esses 600 funcionários e a gente não acha não esses 600 funcionários de Craíbas. (Subsecretário da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2021)

A necessidade de criação de postos de trabalho, principalmente para os mais jovens que já possuem mais anos de estudo e não querem trabalhar na roça, foi frustrada, até mesmo porque quase a totalidade da população do munícipio de Craíbas não possuía qualificação para as vagas oferecidas pela empresa de mineração de cobre MVV.

Em 2010, o então diretor da Mineradora Vale Verde, reforçava junto ao poder público a necessidade de formação da população do município de Craíbas e região para a ocupação de postos de trabalho no futuro. Em dois momentos distintos e em canais diferentes o executivo falou sobre o tema.

> O diretor da MVV, Carlos Bertoni, tem reiterado a necessidade de abertura de mais vagas em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), como forma da comunidade assegurar os empregos que surgirão. (IBRAM - online, sem página, 2010)
> Nos 1.500 novos postos de trabalho que vai abrir, a Vale Verde quer utilizar o máximo de mão de obra local. Mas esbarra na carência de capacitação profissional e baixo nível de escolaridade da comunidade. Temos alertado as autoridades, organizado cursos profissionalizantes e feito um trabalho de conscientização com as pessoas da região que não viam necessidade de estudar, explica Carlos Bertoni. A mineradora deixa bem claro que não vai contratar quem não tem o Ensino Fundamental. (Jornal Gazeta de Alagoas, online, sem página, 2012)

Ao buscar a compreensão sobre o que representam essas mudanças no momento presente, depara-se com a frustação causada pela dificuldade no aproveitamento dos postos de trabalho, com a desigualdade na formação de profissionais, com a indignação pela perda dos meios de trabalho e do próprio trabalho e moradia, criando assim, um ambiente de insegurança percebido pela população em relação ao futuro. As informações a seguir tratam destas percepções.

> Aí veio as empresas (terceirizadas), mas é contrato de 6 meses. Só pra ajeitar uma estrada, construir uma coisinha, mas quando começar a exploração, o máximo que dá para conseguir é de ajudante, porque aqui, ninguém tem profissão. Até então a profissão foi agricultor. (Entrevistado 3)

Diante da esperança sobre as melhorias no comércio a partir da implantação da atividade minerária, e em razão dos discursos proferidos por autoridades estaduais, municipais e pela empresa MVV, foram elaboradas novas atividades no comércio, como por exemplo, as pousadas. No entanto, ainda não se observa a movimentação esperada na economia local. Os entrevistados a seguir ressaltam essa percepção.

> Mas mudança que a mineradora trouxe? Não. De jeito nenhum. Se perguntar a qualquer comerciante aí, vai dizer a mesma coisa que eu. (Entrevistado 6)
> No início a gente vendeu um pouquinho, mas depois que eles cresceram, nós nunca mais vendemos nada a eles. É tudo Arapiraca. (Entrevistado 10)
> Eu vejo assim, quem é? O porquê eles não investem muito? É como se tivesse intermediário. Até em locação de carros... Alguém pensa "vou arrumar 20 carros para locar e já sabe o sistema deles, mas quem tem uma "van" nova, boa, aqui não consegue colocar. O acesso com eles aí é muito pouco. Só quem já acompanha mesmo, firma grande e essas coisas. (Entrevistado 10)

As histórias apontam para vínculos familiares e trabalhistas desarticulados que causam dor, sofrimento e dificuldade financeira. A respeito da compra das terras que a mineradora ocupa atualmente, algumas autoridades também se manifestaram. Na continuidade, está a fala do gestor municipal de Craíbas à época dos acontecimentos.

> Esta questão da desapropriação foi negociada diretamente cada um com seus donos, até porque a prefeitura não foi convidada para nenhum tipo de negociação de indenização e as indenizações pelo que eu tenho conhecimento as pessoas acharam justas. Pessoas que estavam na região da mineradora foram deslocadas para outra região. A área, as vezes eles aumentavam. E acredito que tudo foi acompanhado, tudo foi documentado. As pessoas que lá foram indenizadas... não veio ninguém chegar para mim e reclamar. Eu acredito que o Ministério Público esteve acompanhando de perto.

Convém ressaltar que no município de Craíbas, como é comum em região rural, o trabalho é desenvolvido por núcleos familiares e agregados. O fato de que os membros das famílias trabalham juntos representa mais que um aspecto econômico favorável, esta forma de organização reforça a percepção de pertencimento e os vínculos afetivos entre as comunidades.

A partir dos deslocamentos impostos pela atividade minerária, tornou-se irreparável o sentimento de perda sobre as relações pessoais e familiares estabelecidas. Este sentimento vem ao encontro da importância dada a estas vivências. Esta forma aproximada de convívio é marcante na região.

> Muitas pessoas se mandou no meio do mundo. Espalhou tudo. Amigos, parentes, desapareceu, desapareceu. As pessoas chamam um tal de impacto. É uma pancada grande e tem pessoas que não vai assimilar nunca esta situação. (Entrevistado 11)

O sentido das palavras, o contexto, as expressões físicas no momento da narração, remete a compreensão de que a compra das terras pela Mineradora Vale Verde, por mais legítimo que o processo tenha sido à luz da legislação e mercado, desperta a percepção de despossessão e de tomada deste espaço que representa a própria vida das pessoas.

> Nós não vendemos terras para eles, eles podem considerar assim, mas nós não vendemos terras para eles [...] nós fomos desapropriados, não vendemos a eles, e a indenização por direito era nossa, nós pagava imposto e tudo mais. (Entrevistado 11)

> Eles foram comprando e cercando. Tinha que sair. Vamos supor, eu tenho minha terra aqui, o daqui (aponta para um lado) vendeu. O daqui (aponta para o outro lado) vendeu. O da frente, vendeu. Eu não vou ficar ilhado ali. Até que não queria sair, uma vida ali, né? Nasce, se criou ali, não se pretende sair. Não é que eles dissessem: Saia, mas ficamos ali pressionados. (Entrevistado 12)

Existe ainda o prejuízo financeiro uma vez que, dispersos, os membros da família não conseguem se ajudar mutuamente e precisam contratar, quando possível, mão de obra para a agricultura ou então, diminuir o plantio, diminuindo também o ganho financeiro.

O comportamento expressado nas histórias de Craíbas deve despertar o alerta das autoridades locais, principalmente ao considerarmos a análise feita por Ribeiro (2019), sobre a saúde mental de moradores atingidos pela tragédia que a Braskem provocou em Maceió - AL. No artigo publicado no livro "Comportamento e suicídio: o suicídio e seus atores sociais" o autor nos diz que,

> o drama das comunidades é incomensurável e o impacto, sobretudo na saúde mental, tem desdobramentos já visíveis, principalmente em relação a estados de medo, insegurança, ansiedade e luto. Toda uma sintomatologia daí decorrente, como transtornos do sono, transtornos alimentares, depressão, fobias e até mesmo outros transtornos mais comprometedores, como ideações suicidas. (RIBEIRO, 2019, p.10).

As tragédias como as de Maceió, Mariana e Brumadinho recebem atenção por um período curto, mas os impactos das perdas, transtornos, sofrimentos e medos acompanham as pessoas por muito tempo, possivelmente, a vida toda. O conhecimento desses desastres gera preocupação naqueles que vivem próximos a estruturas que apresentam diferentes riscos, podendo afetar suas vidas de forma repentina ou a longo prazo.

POR QUE EXISTE TEMOR?

A população, assim como algumas autoridades, aponta para a possibilidade de aumentar a poluição e outros desconfortos causando adoecimento e destruição do meio ambiente de forma permanente. Uma das grandes preocupações citadas pelos narradores nesta pesquisa, tem a ver com um possível rompimento de barragem. A este respeito, a gestão municipal à época questionou a empresa MVV e se posicionou da seguinte forma:

> O que se tem que fazer, quando teve lá em Mariana que explodiu lá aquela barragem de minério no estado de Minas, foi assim, uma repercussão muito grande e a gente conversando com... fizemos reuniões com a mineradora e eles explicaram que o tipo de operação é o mais moderno possível do que lá. Além de termos uma geografia diferente de lá. (gestor municipal período 2016-2020)

A sirene de alerta, por seu aspecto incomum, indica perigo iminente na região. O medo é reforçado sempre que soa para avisar sobre detonações e cresce com a possibilidade de a mineradora ocupar o centro da cidade, rico em cobre, como sugerem relatos de moradores e autoridades.

> Eu não vejo futuro para Craíbas com a mineradora. Infelizmente não vejo esse futuro para Craíbas. Uma cidade pequena, ela muito próxima da cidade... (Entrevistado 5)
> Diante do que a gente tem vivenciado e diante da pesquisa em Craíbas... o projeto vai acabar com a cidade. (Entrevistado 13)

Figura 5: sirene da MVV

Fonte: Arquivo próprio, 2020

O risco de perder a residência e com ela o local de pertencimento, de trabalho e moradia, além das relações importantes que se mantem com a vizinhança e parentes, ronda a vida de quem mora no município de Craíbas. Os imóveis estão sofrendo desvalorização, principalmente os que se encontram mais próximos a mineradora.

Figura 6 - Casas muito próximas à mineradora.

Fonte: Arquivo próprio, 2020

Na figura acima é possível observar em segundo plano a pilha de rejeito estéril da mina do Projeto Serrote, modificando o ambiente e lembrando aos moradores a sua presença ameaçadora. O risco de contaminação da água, solo e do ar, através da poeira é motivo de inquietação e revolta. Outro aspecto citado por moradores da região é a desvalorização econômica dos imóveis, o que

dificulta a mudança para outro local. A sensação é de perda, para quem fica e para quem sai do entorno da mina de cobre.

A percepção de muitos entrevistados já removidos das suas terras é de que, para estes bens e valores não há precificação possível e para a população que permanece nas proximidades existe muita preocupação. Dois Entrevistados demonstram esta percepção:

> Isso aí não foi uma boa vinda para o município porque a gente sabe que futuramente as pessoas vão ter que deixar as suas moradias, eu moro aqui, gosto daqui, já me adaptei, mas eu sei que vai chegar um tempo que eu vou ter que sair. (Entrevistado 14)
> Quem nasceu e se criou num chão como eu nasci e, vivendo 86 anos por riba do terreno que, quando acaba, ter que vender pra sair pra outro canto. (meneando a cabeça, ombros caídos, olhando o chão) (Entrevistado 4)

Não parece haver ética que estanque a ânsia de poder e de acumulação do capitalismo. Nesse sentido, Milton Santos (2005, p.2) já alertava que, "os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros".

Outro apontamento feito pelos narradores da pesquisa indica a dificuldade em ser escutado por autoridades e empresa, apesar de haver reuniões periódicas com ela. Os narradores alegaram que as respostas são evasivas e demonstram ser pouco confiáveis. É importante destacar que a Convenção 169 da Organização Internacional de trabalho (OIT) determina que sejam realizadas consultas prévias, livres e informadas com as comunidades afetadas antes de qualquer medida que possa impactar suas terras, territórios ou modos de vida. Essa consulta é fundamental para garantir que essas comunidades participem efetivamente das decisões que as envolvem, promovendo o respeito aos seus direitos e à sua autonomia.

Os representantes da população também expressam a impotência diante de questões importantes para a comunidade e acrescentam a relação autoritária estabelecida com a empresa MVV.

> A MVV conversa com quem traz benefício para ela, para a exploração dela, conosco ela chega com a ordem. É ditado. Manda quem pode, obedece quem tem juízo. (Vereador 4, 2021)

Ainda assim, a participação efetiva de outros atores precisa se fortalecer no atual cenário. Svampa (2020) chama a atenção para que,

> Certamente, a associação entre o neoextrativismo e a derrubada das fronteiras da democracia aparece como fato indiscutível: sem consentimento social, sem consulta à população, sem controle ambiental e escassa presença do Estado, ou mesmo com ela, a tendência marca a manipulação das formas de participação popular, com o objetivo de controlar as decisões coletivas" (Svampa, 2020, p. 31)

Em relação a esta condição referida, é possível compreender que será necessário articulação e pressão dos interessados para reverter o quadro nebuloso que se instalou no município de Craíbas. Importa compreender que a "estratégia ancorada na noção de justiça ambiental, por sua vez, identifica a desigual exposição ao risco como resultado de uma lógica que faz que a acumulação de

riqueza se realize tendo por base a penalização ambiental dos mais despossuídos". (Acselrad, 2010, p.110)

Milton Santos (2005, p. 153-154) alertou que "uma coisa parece certa: as mudanças a serem introduzidas, no sentido de alcançarmos uma outra globalização, não virão do centro do sistema, assim como em outras fases de ruptura na marcha do capitalismo, as mudanças sairão dos países subdesenvolvidos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi documentar as percepções de indivíduos impactados por um grande empreendimento minerário situado no nordeste do Brasil. Constatou-se uma oscilação entre sentimentos de esperança e insegurança diante de um cenário em que a comunidade local apresenta limitações para enfrentar as exigências impostas pelo sistema capitalista. Diversos fatores foram destacados para fundamentar a percepção de transformação social considerada mormente negativa.

O trabalho no campo é visto como uma atividade com pouco reconhecimento econômico e social, que oferece riscos à saúde e exige muito esforço físico, e que, muitas vezes, é passado de geração em geração por necessidade, não por escolha. Nesse sentido, afirma-se que a valorização da cultura local é imprescindível, porém é importante promover a qualificação técnica dos trabalhadores adaptadas às condições atuais, reforçando a ideia de que o trabalho agrícola pode ser considerado uma atividade com valor social e econômico significativos.

A qualificação profissional pode ser inserida através de parcerias junto aos programas estaduais e federais já existentes, tanto para alavancar as atividades já desempenhadas, sobretudo no campo, como também providenciado novas perspectivas para os jovens que estão pleiteando ingressar no mercado de trabalho.

A pesquisa evidenciou a complexidade das transformações sociais, econômicas e culturais na região, mostrando como as políticas públicas, o mercado e as estratégias de desenvolvimento, muitas vezes não atendem às necessidades reais da população. É necessário abordar as questões ambientais, de saúde, econômicas, sociais e políticas, mostrando que os impactos de uma atividade mineradora vão além do físico, afetando a vida cotidiana e o bem-estar emocional e social das pessoas.

A organização das pessoas impactadas em torno da questão e a articulação com outros grupos de resistência, podem facilitar a pressão popular sobre o papel de órgãos públicos e a efetividade da fiscalização e da proteção dos direitos da comunidade, como políticas de compensação, capacitação profissional, alternativas sustentáveis de desenvolvimento e sobre os planos de longo prazo para a comunidade.

A identificação e o monitoramento das condições ambientais podem e devem ser realizada através de atores locais e regionais, ou ainda, internacionais, interligados através da criação de um observatório de mineração na região. As universidades e outras instituições de ensino, movimentos sociais e lideranças deveriam compor esse observatório.

A dinâmica de poder entre empresa, Estado e comunidade evidencia uma assimetria que privilegia interesses econômicos em detrimento de direitos sociais e ambientais. Tal configuração suscita questões relacionadas à justiça social, tendo em vista que a perda de bens e vínculos afetivos apresenta valoração complexa, frequentemente superada por demandas econômicas. A limitada participação comunitária nos processos decisórios contribui para a perpetuação dessa desigualdade, caracterizando um cenário de centralização e potencial manipulação nas tomadas de decisão.

A noção de justiça ambiental é fundamental, pois evidencia que os mais despossuídos carregam o peso dos riscos ambientais e sociais, enquanto os benefícios econômicos tendem a ser concentrados. Assim, destaca-se a importância de uma gestão participativa, ética e transparente na exploração de recursos naturais, garantindo que os direitos das comunidades sejam respeitados e que os riscos ambientais sejam minimizados.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental.** Revista de Estudos Avançados, v. 24, n. 68, p. 2010.

BOMBARDINI, L. M. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia.** São Paulo: FFLCH – USP, 2017.

CACCIUTTOLO C; CANO D; CUSTODIO M; Socio-**Environmental Risks Linked with Mine Tailings Chemical Composition: Promoting Responsible and Safe Mine Tailings Management Considering Copper and Gold Mining Experiences from Chile and Peru.** Toxics. 2023 May 16;11(5):462. doi: 10.3390/toxics11050462. PMID: 37235276; PMCID: PMC10220784.

DIAS, P. **Os Principais Impactos Ambientais da Atividade de Mineração.** Disponível em https://www.chiaviniesantos.com/os-principais-impactos-ambientais-da-atividade-de-mineracao/#:~:text=Os%20impactos%20no%20ar%20podem,da%20%C3%A1gua%20em%20uma%20regi%C3%A3o. publicado em 15/08/2023. Acesso 06/07/2025.

FERREIRA, M. M. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, dez. 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
JUSBRASIL. **Parágrafo 1º, art. 20 da Constituição Federal de 1988.** Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10721513/paragrafo-1-artigo-20-da-constituicao-federal-de-1988. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARINI, R. M. **Dialética da dependência.** 10. ed. México: Editora Era, 1990. (Primeira edição publicada em 1973).

PEIRANO. M. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto Urbe [Online], 2 | 2008, posto online no dia 06 agosto 2014, consultado o 27 julho 2022. URL: http://journals.openedition.org/pontourbe/1890; DOI: https://doi.org/10.4000/pontourbe.1890

PORTELLI, A. **Lo que aprendimos: consideraciones sobre la entrevista de história oral.** Quito: Flacso, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tHkGki3DR1Y&t=585s.
_____ **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral.** Revista Projeto História, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

OCHOA, C. **Amostra não probabilística: amostra por bola de neve.** 11 nov. 2015. Disponível em: https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-bola-de-neve. Acesso em: 8 jan. 202.

RIBEIRO, M. S. S. **Comportamento e suicídio: o suicídio e seus atores sociais.** Recife: UNIVASF, 2019. Disponível em: https://www.crp15.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ebook_COMPORTAMENTO-E-SUICIDIO1.pdf. Acesso em: 3 mar. 2022.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal.** 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, Razão e emoção**. São Paulo. EDUSP. 2002

SILVA, M. **Poder local, ideologia e representações sociais.** Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 39-51, mai./ago. 2014.

SILVA, S. B. **O Brasil de JK > 50 anos em 5: o Plano de Metas.** Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2002. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas. Acesso em: 22 fev. 2021.

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências.** São Paulo: Editora Elefante, 2019.

VIANA, P.; PIMENTEL, R. **Governo garante suporte à instalação da mineradora Vale Verde em Craíbas.** 19/06/2019 disponível em http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/30321governo-garante-suporte-a-instalacao-da-mineradora-vale-verde-em-craibas. Acesso em 18 jun. 2019.